



A midiatização da solastalgia: Jornal A Sirene e a construção da memória do desastre de Mariana

Larissa Helena Pereira de Oliveira¹⁰

Resumo: Este artigo analisa como o Jornal A Sirene, veículo comunitário criado por atingidos do rompimento da barragem de Fundão (Mariana/MG), midiatiza a solastalgia através de narrativas contra-hegemônicas. O jornal transforma a dor individual em luto coletivo, articulando-a como denúncia política e instrumento de reparação simbólica. O estudo demonstra que a comunicação comunitária, ao dar voz aos atingidos, não apenas documenta o crime ambiental, mas reinventa formas de resistência e memória.

Palavras-Chave: Solastalgia. Jornal A Sirene. Comunicação comunitária. Midiatização. Crime socioambiental.

Mariana (MG) tem sua economia ligada à mineração, atividade que sustenta mas também fragiliza o território. Em 5 de novembro de 2015, o rompimento da barragem de Fundão (Samarco/Vale/BHP) despejou 44 milhões de m³ de rejeitos na bacia do Rio Doce, provocando 19 mortes, a destruição de comunidades e a transformação do rio em esgoto metálico.

O rompimento reflete as consequências de um sistema de exploração problemático, marcado pela falta de responsabilidade com o ambiente e com a vida

¹⁰ Larissa Helena Pereira de Oliveira, jornalista e mestrandona Comunicação na Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus Bauru. larissa.helena@unesp.br.

das pessoas, o lar e o território. Nesse ponto emerge a solastalgia: a dor causada pela perda ou pela ameaça de perda do território.

A comunicação comunitária torna-se ferramenta de resistência e memória, como no caso do Jornal A Sirene, analisado aqui como experiência de midiatização contra-hegemônica.

Criado por atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão, o Jornal A Sirene surge como resposta a grande mídia. O jornal foi pensado para dar espaço às pautas dos atingidos, garantindo o direito à comunicação. A participação direta dos atingidos em todas as etapas produtivas confere ao jornal seu caráter único, sendo feito por e para as comunidades.

Esse modelo se alinha ao que Cicilia Peruzzo vai chamar de comunicação comunitária, essa comunicação que está vinculada a prática de movimentos coletivos e que retrata momentos de um processo democrático inerente aos tipos, formas e conteúdos dos veículos, diferente da chamada “grande imprensa” (Peruzzo, 1998, p. 115).

E para compreender seu papel, é essencial situá-lo na perspectiva da midiatização, conforme Fausto Neto (2008), que distingue a "sociedade dos meios" da "sociedade da midiatização". Na primeira, os meios atuam com relativa autonomia, na segunda, a lógica midiática converte-se em princípio estruturante da dinâmica social, onde:

Uma designação econômica para diferenciar a «sociedade dos meios» da «sociedade da midiatização» está no fato de que na primeira as mídias estariam a serviço de uma organização de um processo interacional e sobre o qual teriam uma autonomia relativa, face à existência dos demais campos. Na segunda, a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sóciotécnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade. (FAUSTO NETO, 2008, p. 93)

Nesse contexto, o A Sirene transcende a condição de "meio" e torna-se agente de (re)estruturação comunitária pós-desastre. Se a mídia tradicional narrativizou o evento como "acidente", o jornal midiatiza a catástrofe como crime contínuo, cujos impactos permanecem vivos na vida dos atingidos.

A solastalgia é um conceito formulado pelo filósofo australiano Glenn Albrecht (2005) para nomear o sofrimento causado pela transformação ou degradação do ambiente em que se vive. Diferentemente da nostalgia, que se refere à saudade de um lugar distante no tempo, a solastalgia é experimentada no presente, no próprio território, quando ele deixa de oferecer segurança e pertencimento. Albrecht aponta que esse estado emocional pode comprometer a saúde mental, provocando ansiedade, impotência e até depressão.

Solastalgia não se trata de olhar para um passado dourado, nem de buscar outro lugar como 'casa'. É a 'experiência vivida' da perda do presente, manifestada em um sentimento de deslocamento; de ser minado por forças que destroem o potencial de conforto que pode ser derivado do presente. Em resumo, a solastalgia é uma forma de nostalgia da casa que se sente quando se está ainda em casa. (Albrecht, 2005)

A solastalgia tem sido cada vez mais discutida nos estudos ambientais como um fenômeno característico da crise ecológica contemporânea. Mudanças climáticas e desastres ambientais produzem além de efeitos físicos e econômicos, também traumas subjetivos e coletivos. No contexto brasileiro, o rompimento da barragem de Fundão exemplifica como catástrofes ligadas à mineração transformam territórios de memória em espaços de medo. A invisibilização desse sofrimento agrava a injustiça socioambiental, reduzindo a tragédia a números.

Na matéria "*De Mariana à Foz*", publicada na edição especial Foz do Rio Doce, em 2017, reúne depoimentos de quem mantinha uma relação íntima com o rio, para trabalho, sustento ou lazer.

Antes a gente fazia a rede e buscava o peixe no mar. Isso que aconteceu foi o mesmo que cortar os meus braços e minhas pernas. Estou há quase dois anos com meu barco parado e ferramentas de pescas paradas. Agora a gente vai ter que criar os peixes em tanques.
- Leônidas Carlos, atingido de Regência Augusta (ES)

O depoimento de Leônidas traduz a dimensão existencial da tragédia: a perda do rio é vivida como uma mutilação corporal. Mais que fonte de renda, o rio era parte de sua identidade como pescador, uma extensão de seu corpo e cotidiano. A adaptação à piscicultura em tanques não substitui a experiência original da pesca livre, evidenciando a solastalgia: mesmo em seu território, ele não mais o reconhece como lar.

Por fim, mais um exemplo é o de Maria da Conceição. Na Imagem 1, ela alimenta uma galinha em sua nova casa alugada, um espaço improvisado que contrasta com sua antiga propriedade, onde criava mais de 100 aves. O gesto, que antes era parte de um cotidiano autônomo, torna-se agora símbolo de perda e resistência. A galinha, presente da sua filha, representa ao mesmo tempo a continuidade de um hábito afetivo e a ruptura de um modo de vida. Maria segue ativa, mas desenraizada, agora habita um território que já não reconhece como seu. Sua fala “não é a mesma coisa” mostra a solastalgia que permeia o cotidiano, transformando gestos simples em lembranças e saudades.



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online



Tinha minha casa, minhas plantações e cuidava das minhas criações. Tinha muitas galinhas, eram mais de 100. Elas eram daquelas raças que botavam muitos ovos. Às vezes, não conseguia pegar tudo, pois elas ficavam soltas e acabava perdendo. Quando a lama da Samarco veio, eu perdi a maior parte delas. Algumas que se salvaram estavam numa árvore que tinha lá. Essas, a Samarco levou lá pro abrigo, mas, pouco tempo depois, elas sumiram, foram roubadas. Fiz o boletim de ocorrência e reclamei, mas a empresa não se manifestou.

Hoje, vivo aqui na cidade e a única galinha que tenho foi minha filha que me deu. Cuido dela aqui, mas não é a mesma coisa, não é do mesmo jeito.

Maria da Conceição Martins, Paracatu de Baixo

Imagen 1: Maria da Conceição Martins e sua galinha

Fonte: Jornal A Sirene, 2017

A análise dos depoimentos e imagens publicados pelo A Sirene revela que o veículo realiza uma dupla e crucial função no contexto do pós-desastre. Primeiro, ele opera a midiatização contra-hegemônica da solastalgia, dando voz e forma narrativa a uma dor íntima e coletiva que a grande mídia ignorou ou simplificou. Segundo, e como consequência, o jornal se consolida como uma prática de comunicação comunitária. Ele não se limita a informar sobre o ambiente, mas se responsabiliza em comunicar a partir do ambiente vivido e violentado.

O caso demonstra que a cobertura de conflitos ambientais deve ir além dos dados físicos e econômicos, alcançando as dimensões subjetivas e simbólicas do dano. Esse estudo reforça a urgência de olhar para as práticas comunitárias como espaços de inovação epistemológica, onde novas formas de narrar a crise socioambiental estão sendo gestadas. Em tempos tão marcados por crimes ambientais, a importância de existir um jornalismo preocupado em informar sobre o que de fato acontece nas margens.



VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Ambiental

A prevenção na pesquisa em jornalismo ambiental diante dos desastres

24 a 26 de setembro de 2025 | online

Referências

ALBRECHT, Glenn. 'Solastalgia': a new concept in health and identity. **PAN: Philosophy Activism Nature**, n. 3, p. 41-55, 2005.

A SIRENE, Jornal. **Jornal A Sirene**. Disponível em: <https://issuu.com/jornalasirene>. Acesso em: 1º set. 2024.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “teoria” da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38152>. Acesso em: 1º set. 2024.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. **Comunicação & Informação**, v. 2, n. 2, p. 205-228, 28 fev. 2013.